

Chegou a hora de cobrar

"É hora de cobrar da comunidade. Ela quer ter, que pague. Que incite seus empresários a também investir em cultura, sem esperar de volta nenhum juro que não seja o crescimento humano. A comunidade de Brasília, metida a refinada, tem de estar no bojo dessa interação, desse amálgama que é a cultura. Receber o que vem de fora, o que vale a pena ser recebido, o que soa a um trabalho honesto, e calçar o seu próprio crescimento com criações e valores locais".

Para o diretor executivo da Fundação Cultural do DF, Luis Humberto Martins Pereira, antes que terceiros coloquem em nossas bocas o que não dissemos, antes que o Estado determine o que deva ou não ser dito e feito, é preciso que as pessoas tomem de assalto esse trem da cultura e não a confundam com eventos esporádicos, elitismo, estrelismo, dogmatismo e outros ismos. "Cultura é uma conquista diária, um bem de toda a Nação que precisa ser cultivado (e não cultuado) e renovado. Não é uma coisa misteriosa, exclusiva, matéria para especialistas. Só a cultura pode retomar o País, tirá-lo desse resíduo de autoritarismo de 21 anos. Não é a nossa vez, é a vez do Brasil. O tempo do "salve-se quem puder" já terminou", afirma ele.

Segundo Luis Humberto, tanto a comunidade, de modo geral, quanto empresários privados, querem usufruir da cultura — cada qual a seu modo da maneira mais torta possível. Ambos esperam sempre que o Estado patrocine todas as iniciativas nessa área, que conceda benefícios a quem investir em cultura, que apresente o melhor resultado possível independente de um País que sorri amarelo, enfim, banque o pai-patrão super protetor que se sinta no direito de ser tão bonzinho, quanto tirânico.

— E a comunidade que precisa pagar pela realização de seus desejos, pelo que lhe dá prazer e lhe aperfeiçoa, entendendo que cultura não é quantidade, mercadoria meramente industrializada, sem partos e traumas, e também não é unidade. Ao contrário, quanto mais farpas certeiras, melhor. Quanto mais honestidade, melhor. Decência não traz dinheiro, mas traz bom sono, diz Luis Humberto.

Ele explica que o orçamento da Fundação Cultural, dentro dos recursos totais do GDF, é muito pequeno. Sinais da crise, dos tempos e do pouco valor ainda atribuído às manifestações do espírito. Contudo, assinala, "procuramos usar essa verba com critério, com consenso, achando que tudo tem de ser pensado a nível de projeto, mais a longo prazo. O País precisa de saídas para sua auto-regeneração".

Apoio

De acordo com o diretor da FCDF, os investimentos privados na área da cultura, as doações de empresários, deveriam ser os mais generosos possíveis. As pessoas deveriam ser incluídas, todas, no projeto cultural da comunidade que lhes abriga e dá sentido a suas vidas. Ele vê com reservas o instituto do desconto, em imposto de renda, para aqueles que apoiarem iniciativas culturais ou adquirirem bens culturais, por exemplo.

Aqui em Brasília, ele frisa que há muita coisa dependendo do incentivo comunitário e apoio financeiro empresarial. A Fundação não conta com um corpo de balé estável — o que existe é uma arremedo: o Teatro Nacional está precisando de reformas urgentes: o centro de criatividade funciona, hoje, num barraco que pertenceu à CEB. Mais: a orquestra da Fundação é formada por músicos das mais diversas entidades: não há uma equipe própria. E nem dinheiro para comprar instrumentos e aprimorar o trabalho. Como se não bastasse, quando os apoios aparecem, como no caso deste Festival de Cinema, o próprio BRB só pôde entrar com uma verba que mal pagaria um executivo (30 milhões).

— A cultura é importante e agregada à vida porque o artista tem um papel desestabilizador. Não o de provocar polêmicas inúteis ou arrastar bandeiras pelas ruas, mas o de mexer com as cabeças e transformá-las. Neste processo/troca, ganham todos, mesmo o artista, ainda que a plateia seja reduzida. Dizer até para si mesmo, renovando o já dito, pode ser um ato de crescimento também.

ROTEIRO

Desde ontem às 9 horas, em promoção da Fundação Cultural do DF, Embrafilme e Universidade de Brasília começou o XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Em sua programação, exposições, seminários, encontros e apresentações de filmes em 16 e 35 milímetros. As 9 horas, no hall da Sala Martins Penna (Teatro Nacional de Brasília) e no saguão do Cine Brasília (106/7 Sul) quatro exposições mostram momentos do cinema brasileiro: "Cine-Sensações Brasileiras" e "Carriço Film", no hall da Martins Penna e "Paulo Emílio Salles Gomes" (o criador do Festival de Cinema de Brasília) e "Fotoperformance e os festivais", no saguão do Cine Brasília. Duas mostras competitivas (em 16 e 35mm) estarão concorrendo ao troféu "Candango". Na mostra de 16mm, as sessões às 16 e 18 horas, no Teatro Galpãozinho, serão exibidos 35 filmes — todos os inscritos — entre curtas, médias e longas metragens. No Cine Brasília, às 18 e 21 horas e em sessão única dos cinemas Lara (Taguatinga), Itapoá (Gama) e Alvora-

da (Sobradinho), às 20h30, começa a mostra 35mm, com a exibição do longa "Pedro Mico", de Ipojuca Pontes, e dos curtas "Madame Cartô", de Nelson Nadotti e "Via Crucis", de Leonardo Bartucci.

Além dos seminários e encontros sobre a realidade do cinema e pesquisadores, o XVIII Festival de Brasília apresenta o "Festivalzinho do Cinema Brasileiro", em sessão às 10h15, no Cine Brasília, de 26 a 30, quando será escolhido o melhor filme brasileiro para a infância. O vencedor, além do troféu "Candango", receberá um prêmio em dinheiro. Outra mostra, desta vez informativa, participará do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Sete filmes, em programação especialmente preparada com a colaboração da cinemateca do MAM e da cinemateca Brasileira de São Paulo, comporão a amostragem sobre o "Cinema Novo". Hoje, a partir das 16 horas, no Cine Brasília, será exibido "Vidas Secas", de Nelson Pereira dos Santos.